

ANTONIO CARLOS VIANA

# Jeito de matar lagartas



Copyright © 2015 by Antonio Carlos Viana

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Elisa von Randow

*Preparação*

Mariana Delfini

*Revisão*

Angela das Neves

Arllete Sousa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Viana, Antonio Carlos

Jeito de matar lagartas / Antonio Carlos Viana. — 1<sup>a</sup>ed.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2551-7

1. Contos brasileiros I. Título.

---

15-00385

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

- A Muralha da China, 11
- Roteiro da solidão, 16
- Jeito de matar lagartas, 25
- Amarelo Klimt, 30
- Dona Katucha, 37
- Cara de Boneca, 45
- Florais, 50
- Professor Locarno, 55
- Nena de cabelos soltos, 60
- Cozinha benguela, 63
- Lucy in the sky, 71
- Balé, 76
- Madame Viola faz escova progressiva, 79
- Paixão no delta, 85
- Cremação, 89
- Um traidor, 94
- Missa de sétimo dia, 100

- A caixa, 106  
Salviano, 111  
As margens férteis do Nilo, 115  
Três lembranças, 120  
Enquanto espero, 123  
Reencontro, 128  
Tia Lala, 133  
Maria Montez, 136  
Batatas bravas, 139  
Gedeão, 144

# A Muralha da China

Nossa mãe tinha avisado: “Façam de conta que Lelo ainda está vivo, conversem com dona Irene, fiquem como se ele fosse chegar e que vocês foram lá só pra brincar com ele”.

Eu e Vivi ficamos apreensivos, não sabíamos mentir, assim nos ensinaram na escola, assim meu pai tinha nos ensinado também. Chegamos lá e perguntamos por Lelo só por perguntar, porque a gente sabia que nunca mais que ele fosse voltar pra brincar com a gente.

Dona Irene disse que ele tinha viajado com o pai e que iam voltar pro almoço, por isso ela tinha feito rabada, o prato preferido dos dois. Mandou que fôssemos pro quarto de Lelo e podíamos brincar com o que quiséssemos.

Nosso sonho era montar a Muralha da China. Sentamos na cama de Lelo, sentimos o seu cheiro, aquele cheiro forte, ardido, o que ia sobrar dele mesmo, depois de tudo. Vivi pegou o quebra-cabeça e começou a montar. Eram muitas peças, que Lelo montava em poucos minutos. Era

seu quebra-cabeça preferido. Ajudei minha irmã a ir montando a muralha, mas o pensamento não saía de Lelo e de seu Vicente. Vivi se saiu com uma besteira tão grande: “E se Lelo estivesse subindo agora aquela escadaria?”. “Que besteira, Vivi, Lelo está morto e alma não sobe muralha nenhuma”, eu disse baixinho, pra dona Irene não ouvir.

Tudo aconteceu num acidente de ônibus, que caiu numa ribanceira de um rio em Minas Gerais, Lelo e o pai morreram na hora. A notícia chegou primeiro lá em casa, pra gente ir preparando dona Irene, porque ela sofria do coração. Minha mãe e meu pai estavam tentando criar uma história comprida pra poder chegar lá e dizer a ela o que tinha acontecido, só não podia ser de supetão.

A manhã já tinha se passado e nada de meus pais chegarem com a notícia. A muralha era mesmo difícil de fazer. Melhor que a gente tivesse pegado o Taj Mahal. Sem Lelo, impossível encaixar tantos pedacinhos, todos muito parecidos.

Quando deu meio-dia, dona Irene veio nos oferecer almoço. Ela disse que Lelo e seu Vicente logo, logo, chegariam. Ficamos com pena, ela tão alegre, nos tratando tão bem, como sempre. Colocou mais dois pratos na mesa. A rabada cheirava como nunca, o cheiro do agrião entrava pelo nariz e descia pela garganta, enchendo minha boca de água.

Dissemos que não queríamos comer, já íamos pra casa, nossos pais estavam nos esperando. Nesse momento, meus pais bateram na porta, e meu coração afundou no peito a ponto de me fazer largar mais um pedacinho da muralha. Eu queria fugir dali antes de dona Irene começar a se desesperar, e nós também, não íamos aguentar o desespero dela sem cair no choro. Minha irmã já estava com cara de

tristeza quando nossos pais entraram. Dona Irene recebeu os dois tão bem que a gente ficou pensando como eles iam atalhar aquela alegria com notícia tão triste.

Dona Irene se admirou daquela visita assim, disse que era um milagre receber pessoas tão importantes àquela hora. Nossos pais eram os líderes da comunidade. A rabada cheirava cada vez mais. Eles se sentaram no sofá meio rasgado pelos dois gatos que dona Irene criava: Jujuba e Pretinho. Eu e Vivi quisemos voltar pro quarto pra terminar a muralha, mas a curiosidade foi maior, e ficamos.

Dona Irene foi buscar mais dois pratos e colocou na mesa. Disse que seu Vicente e Lelo não demorariam a chegar, já estava até passando da hora, e que a rabada dava pra todo mundo. Meus pais agradeceram, e minha mãe disse que o nosso almoço também já estava pronto.

A cara de meu pai estava fechada, minha mãe fazia um esforço enorme pra se manter simpática. Por onde começariam? Falaram de novela, de balas perdidas, de bandidos e polícia. Eram esses os assuntos mais conversados ali. Fora disso, só a raiva que todos tinham do governo que não fazia nada por ninguém, só roubava e ainda ajudava a roubar.

Eu já estava agoniado porque dona Irene era daquelas que falam sem parar, sem dar brecha pros outros dizerem qualquer coisa. Ela disse que ia botar nossa comida, depois punha pro marido e pro filho, que já estavam chegando. O cheiro já tinha tomado conta de toda a casa.

Minha mãe perguntou por que a rabada de dona Irene cheirava tanto, e ela disse que era um segredo só dela. Meu pai falou que rabada só era bom com uma cachacinha de lado. Dona Irene disse que tinha cachacinha: “Vicente sempre tem um garrafão de vinho que ele enche de cachaça que traz das viagens a Minas”. Meu pai pediu uma dose. Vi

que ele estava procurando um jeito de dar a notícia, alongando o caminho. Ele derramou um pouquinho pro santo e, vapt, engoliu de um trago só. Minha mãe disse que ele ia pegar a vigia de tardinha. “Veja lá se não vai me fazer o favor de perder o emprego”, ela falou. Meu pai elogiou a cachaça, da boa mesmo, seu Vicente tinha bom paladar. Quando falou no nome do morto pensei que ele fosse engatar o assunto, mas não. Pediu mais um copinho e engoliu na mesma rapidez, dessa vez sem a dose do santo.

Minha mãe resolveu ganhar tempo e disse que ia servir mesmo um pouco de rabada pra gente. Colocou a polenta, os ramos verdes de agrião por cima, um pedaço bom de rabada pra cada um e lambeu um respingo no dedo. Enquanto isso, meu pai bebia mais e mais cachaça, minha mãe advertindo pela décima vez que ele não lhe fosse perder o emprego. Ele já estava vermelho, ele ficava de uma vermelhidão assustadora quando bebia. De repente, ele falou: “Dona Irene, Vicente...”, mas parou por aí mesmo.

Eu e Vivi pensamos em comer mais porque aquela rabada ia terminar era no lixo quando dona Irene recebesse a notícia. E seu Vicente e Lelo não iam comer mesmo nunca mais. Minha mãe parece que entendeu isso e botou mais dois pedaços no nosso prato, e ainda assim ficou muita rabada. Dona Irene falou que a gente podia comer à vontade, ela tinha feito além da conta naquele dia.

Já eram quase duas horas e nada de meus pais darem a notícia. Até que minha mãe falou assim: “Dona Irene, a vida nos apronta cada uma...”, minha mãe sempre com seus pronomes em tudo que falava. Era professora de português o tempo todo. Dona Irene quis saber o que a vida tinha aprontado pra minha mãe. Ela disse: “Nada, não, falta de assunto”. Meu pai não parava mais de beber a cacha-

ça de seu Vicente porque acho que ele também pensou como eu e Vivi, seu Vicente nunca mais que fosse beber nada.

De repente, dona Irene ficou pálida, foi se sentando, disse que tinha sentido uma coisa ruim por dentro, que a gente não era de fazer visita assim tão demorada, ainda mais ao meio-dia, que meu pai contasse logo, e começou a chorar desesperada, toda se tremendo. Meu pai então contou que seu Vicente e Lelo iam chegar, mas era dentro de um caixão. Pior jeito de dar uma notícia não tinha, mas foi assim que ele falou. Dona Irene emborcou no sofá, desfalecida, botando Jujuba e Pretinho pra correr. Minha irmã parou de roer um dos ossinhos que tinha sobrado em seu prato, e a Muralha da China ficou lá no quarto, pra sempre inacabada.

# Roteiro da solidão

1.

Um dia você acorda sozinho, sem ninguém no mundo, o telefone não toca e o silêncio toma conta de tudo. Foi num dia assim que dona Ineide começou a se desesperar. Às vezes cantava só para sentir que ainda tinha voz. O marido morrera, os filhos se foram e, de repente, ei-la sozinha naquele casarão. Depois de muito pensar, resolveu colocá-lo à venda, não para ir morar num apartamento, mas apenas para ter alguém batendo à sua porta, convidar para entrar, tomar um café e entabular negociações em que ela não estaria nem um pouco interessada.

2.

Os interessados começam a aparecer. Dona Ineide fica muito feliz, toma novos ares, come melhor. Até um pouco

de maquiagem ela passa a usar, coisa simples, um pó compacto, um batom leve. Está velha, mas ainda tem alguma vaidade. Não tem medo de assaltos, porque também não tem nada de valor em casa. As joias, deu-as todas para as filhas e noras.

Desde então, a manhã de dona Ineide tem se ido numa rapidez espantosa. A tarde é sempre mais preguiçosa, mais demorada. Liga a tv e já nem presta mais atenção nos comentários feitos por aquela apresentadora de voz enjoada e fraquinha. Os programas são sempre ruins, ela sabe disso, mas o som da tv é sempre uma boa companhia. Têm aparecido mais homens que mulheres interessados em comprar seu casarão. Ela dá um preço irreal, alguns tentam entabular negociação, outros desistem logo. Dona Ineide abre o sorriso ainda perfeito para alguém de sua idade e diz: “Que pena, pense bem, o local é ótimo, precisa só de uma boa pintura”. Claro que é mentira. O casarão está muito escalavrado. Os janelões da frente precisam ser trocados, o portão está comido pela ferrugem, o reboco do muro precisa ser refeito, os pés de parede necessitam de um bom cimento. Desde que começou a receber visitas, dona Ineide prepara a comida durante a noite para não perder nenhum visitante. Pior coisa não há do que suspender a conversa para ir ver uma panela no fogo, a conversa perde força e não volta a engrenar.

### 3.

Quem coloca a casa à venda está sujeito a tudo. Mas não pensem que foi ruim o que aconteceu com dona Ineide. Um dia um tal de Luís Rabelo marcou encontro. Estava

muito interessado em comprar a casa para abrir um cursinho. Na mesma hora ela teve um clique. Seria o mesmo Luís Rabelo de sua adolescência, sua paixão de colegial? Platônica, é bom frisar. Uma paixão só dela, que ele nunca soube. Era o rapaz mais bonito de sua época. Morava numa casa de andar no bairro dos ricos, por onde ela passava todos os dias só para vê-lo. Nem sempre o via, porque ele passava o tempo todo estudando. Além de bonito, era o melhor aluno do colégio. Nunca se atrevera a lhe dirigir a palavra, tinha até medo, porque a fama de gênio que o acompanhava a assustava mais que a riqueza do pai, fazendeiro dos antigos.

#### 4.

Luís Rabelo. Era o próprio. E dona Ineide só faltou ter uma queda de pressão diante daquele homem de cabelo completamente embranquecido, embora o rosto fosse o mesmo sob as rugas. O olhar continuava também o mesmo por trás das lentes limpíssimas dos óculos, mas parecia ter algo mais puro, sem os ares de sabedoria do jovem que ela conheceu. Nem acreditava que agora ele finalmente olhava para ela. Ela sabia que ele nunca a tinha olhado. Ela sabia tudo da vida dele. Acompanhou o casamento na catedral com a filha de um político poderoso, a cauda imensa do vestido tomado todo o corredor, o coro dos meninos órfãos dando o tom da festa. Dona Ineide tomou também seu caminho, mas de mulher pobre. Casou-se com um caminhoneiro, coisa de que jamais gostou. O marido vivia pelas estradas pegando qualquer mulher e transmitira-lhe uma doença da qual ela nunca mais se livraria. Isso não tinha

perdão. Conformou-se com a vida que teria ao lado de seu Pedrito, enquanto a outra, a bela diva das crônicas sociais, aparecia em navios pelo mundo afora, diante da Torre Eiffel, do Taj Mahal, da Cidade Proibida. Os jornais viviam publicando a foto da tal, e aquilo dava uma inveja desmedida em dona Ineide, a ponto de ela pensar em se separar de seu Pedrito e ir tentar ser a outra de seu Rabelo. Sua educação, porém, não a deixava fazer isso. Sorte que seu Pedrito era homem de tino e, com poucos anos de trabalho, já era dono de uma frota de caminhões que cruzavam o país levando e trazendo mercadorias de todo tipo.

## 5.

A vida e seus descaminhos. Um dia dona Ineide recebeu a notícia que mais temia: um acidente fatal com seu Pedrito na BR-101, perto de Milagres. Nesse tempo a cidade já tinha crescido muito. Luís Rabelo sumira, nunca mais ela tivera notícia dele e de sua bela mulher. Até que, naquela manhã, ei-la diante dele, toda penteada, um pó no rosto, um batom mais vivo nos lábios. Só não fizera as unhas. Luís Rabelo entrou, sentou-se na melhor poltrona, a que ela indicou. Ele, apesar de velho, mantinha-se bem aprumado, como se ainda fizesse academia, todo espigado, nenhuma barriga, como se apenas o rosto tivesse envelhecido.

## 6.

Seu Rabelo gostou da casa, achou o preço muito alto, mas dona Ineide tinha dado mesmo um preço altíssimo só

para ele ficar mais, negociando. Ele olhou tudo, achou que precisava de um bom trabalho de restauração, janelas, janelões, os ladrilhos do banheiro e da cozinha falavam por si só de uma época em que não se usava nada branco porque ficava parecendo parede de hospital. Eram de um colorido feio, entre o rosado e o marrom, com desenhos geométricos mais feios ainda. Ia gastar muito dinheiro e não valia a pena, ainda mais no centro, tão desvalorizado. Ele pretendia abrir um cursinho para estudantes de baixa renda. Dona Ineide falou que podiam entrar num acordo. “Quem sabe o senhor volta pra casa, pensa, volta na outra semana e a gente conversa melhor?”

## 7.

Seu Rabelo voltou na semana seguinte. Ficou sabendo então que ela tinha sido casada com Pedrito. Os dois tinham sido colegas de Salesiano, e ele relembrou coisas da adolescência. Pedrito era o mais malandro da turma, jamais quis estudar e, no entanto, foi o que se deu melhor, dono de uma frota de caminhões. Ele sabia da riqueza de seu Pedrito e achava que dona Ineide era muito humilde para a riqueza que ele devia ter deixado. Pela primeira vez na vida ela se abriu com alguém, falou que jamais fora apaixonada pelo marido, era apaixonada por outro, mas não disse quem. Falou dos filhos criados com rédea curta e agora tudo era dela. Seu Rabelo falou que com ele foi diferente, o pai ajudou-o a abrir um colégio, mas ele não se adaptou aos tempos modernos e terminou fechando. A mulher o trocou por outro, porque mulher não gosta de homem sem conta ban-

cária fortalecida. Aquilo deu uma esperança muito grande à dona Ineide. Ela tinha alguma chance ainda.

## 8.

Agora, toda semana, Luís Rabelo ia à casa de dona Ineide. Sempre levava queijo de coalho de presente, que ela adorava. A fazenda do pai ainda existia, mas sem a força do passado. As negociações iam bem, mas parecia que ele estava agora pouco interessado no casarão. Dona Ineide mudou, ficou outra, cortou o cabelo, comprou roupa nova, até CD comprou, para um dia ouvirem música juntos, se ele gostasse. Como mulher tem todo tipo de artimanha para conquistar um homem, um dia ele chegou e ela estava ouvindo “Lábios que beijei”, na voz de uma cantora da nova geração, presente que a filha lhe dera no aniversário, só por essa música. Quando seu Rabelo chegou, ela estava ouvindo e perguntou se ele se incomodava de deixar o CD tocando. Ele falou que era também uma de suas músicas preferidas. Ouviram em silêncio, e ela foi lá dentro enxugar as lágrimas que sempre surgiam ao ouvir aquela música. Quando voltou, ele perguntou quem era a cantora, e ela leu na capa do CD que era uma desconhecida, pelo menos dela. Ele ficou silencioso, percebeu a emoção de dona Ineide e falou que a música o deixava também emocionado. Relembrou os velhos tempos, quando era jovem, que só pensava em estudar, mas hoje achava que muito estudo não traz felicidade para ninguém. Ali estava a prova, seu Pedrito mal tinha tirado o ginásio e a deixara bem de vida. Contou dos gastos da ex-mulher nas viagens pela Europa, da quantidade de malas que levava, do sufoco nas alfândegas. Dona

Ineide teve ciúmes da outra, cujo nome ela fazia questão de esquecer, embora ele tivesse falado tanto de Maria Celi naquela manhã.

## 9.

Na semana seguinte seu Rabelo não apareceu, nem nas outras e outras. Dona Ineide ficou perdida. Era a primeira vez que se sentia perdida depois de colocar a casa à venda, como se a visita de seu Rabelo fosse o calço de suas manhãs, que agora ela tratava de preencher com programas bobos, como aquele cheio de fofocas sobre astros e estrelas da tv, ou aquele outro sobre dicas de saúde e culinária. Dona Ineide comia tudo que os apresentadores diziam que fazia bem, sobretudo o que fosse bom para a vista e os dentes. Sem bons olhos e bons dentes, a vida não tem sentido, ela costumava dizer para si mesma.

## 10.

A solidão depois do sumiço de seu Rabelo piorara muito. Os filhos continuavam distantes, nunca a visitavam, e os netos quando vinham a irritavam tanto que ela preferia não vê-los, cada um às voltas com seu celular.

Depois de seu Rabelo, ela havia despachado os possíveis compradores, dizendo que a casa já estava apalavrada. Já havia até retirado a placa de “Vende-se” do jardim e jogado na casinha de ferramentas.

## 11.

A inquietação passou a ser a norma dos dias de dona Ineide. Nenhuma notícia de Luís Rabelo, que ela já considerava seu. Ligava o rádio, ligava a tv, na esperança de que dessem alguma notícia dele. Afinal, ele tinha sido um homem importante, dono de colégio, devia ser ainda muito conhecido. Pensou em ligar para o celular que ele tinha deixado, mas teve medo de uma notícia ruim. Ele era hipertenso, diabético e já havia passado por dois cateterismos. Ela era até saudável, não fosse também a hipertensão supercontrolada com os comprimidos diários. Os dias sem seu Rabelo ficaram difíceis de suportar.

## 12.

As semanas se passaram e seu Rabelo sumiu de vez. Ela ficou pensando em alguma palavra a mais que tivesse dito, mas sempre fora muito cuidadosa com o que dizia. Foi tudo depois da música. Homem é bicho sestroso, quer ser conquistado mas não gosta da conquista explícita, e aquele “Lábios que beijei” era explícito demais. Vai ver ele não queria mais nenhum compromisso, morar com mais ninguém, parecia desesperançado de encontrar alguém que o aceitasse em sua pobreza e em suas doenças. Mas ela estava disposta a cuidar dele, faria um bom café de coador, coisa que todo homem gosta. Só ficava tensa quando pensava nos dois na cama, pois ela já não tinha mais nenhuma vontade de se despir diante de um homem, sobretudo porque estava gorda, os peitos derramados pela barriga. Perto

da esbelteza dele, ela parecia um bolo de cartolina amassada. Vai ver que foi por isso que ele sumiu.

### 13.

Até que um dia ela decidiu fazer o que nunca tivera coragem de fazer: ligar para o celular de Luís Rabelo. Temia receber a pior notícia, mas melhor assim do que ficar naquela espera sem sentido. O telefone tocou, tocou, mas ninguém atendeu. Dona Ineide colocou o telefone de volta no gancho e foi cuidar da casa, que andava no maior abandono.